

I

O frio chegou tarde nesse Outono e as aves canoras foram apanhadas desprevenidas. Quando a neve e o vento chegaram em força, muitos delas tinham-se convencido, estupidamente, a ficar; e em vez de partirem para sul, em vez de estarem já a caminho, amontoavam-se nos pátios das casas, com as penas entufadas para conseguirem um nada de calor. Eu andava à procura de emprego. Estava na faculdade e queria arranjar um emprego a tomar conta de crianças, de modo que passei algum tempo a calcorrear os bairros simpáticos mas inverniais em redor da zona onde vivia, de entrevista em entrevista, enquanto arrepiantes bandos de piscos debicavam no solo gelado, cinzentos e enfraquecidos (mas que pássaro, mesmo na melhor das circunstâncias, não parece sempre um pouco enfraquecido?), até que no final da semana, no termo da minha busca, verifiquei, alarmada, que os pássaros haviam desaparecido. Nem queria pensar no que lhes teria acontecido; mas isto é apenas uma maneira de dizer — uma expressão de delicadeza, uma falsa promessa de polidez —, pois de facto passei o tempo a pensar neles. Imaginava-os mortos, cruamente empilhados num qualquer mortífero campo de milho fora da cidade, ou a caírem do céu em grupos de dois e três, por quilómetros e quilómetros ao longo da fronteira do Illinois.

Procurava trabalho em Dezembro para começar em Janeiro, no começo do segundo trimestre. Tinha concluído os exames e respondia agora a anúncios de empregos para estudantes, apontando àqueles em que se pedia alguém para cuidar de crianças. Eu gostava de crianças — a sério que gostava! —, ou melhor, gostava assim-assim. Às vezes eram interessantes. Admirava-lhes a energia e a candura. E tinha jeito para elas, no sentido em que sabia divertir os bebés com caretas en-

graçadas e os mais velhos com truques de cartas ou discursos num tom teatralmente sarcástico, que os desarmava e enfeitiçava. Mas não tinha grande habilidade para tomar conta delas durante muito tempo; começava a aborrecer-me, como acontecia talvez com a minha mãe. Se passava demasiado tempo a brincar com crianças, o meu cérebro começava a ficar esfomeado e a desejar perder-se no livro que trazia na mochila, fosse ele qual fosse. Só me apetecia deitar-me cedo e dormir longas sestas.

Eu viera de Delacrosse Central High, de uma pequena quinta junto à velha estrada de Perryville, para esta cidade universitária de Troy, «a Atenas do Midwest», como se tivesse saído de uma caverna, como o menino-sacerdote de uma tribo colombiana sobre o qual tinha lido em Antropologia Cultural, um rapaz convertido em místico à força de ser mantido no escuro desde a infância, e cujo contacto com o mundo se fizera unicamente através de histórias — nada de experiência directa. E quando saiu da caverna, o rapaz ficou num perpétuo e beatífico estado de deslumbramento: nenhuma das histórias que lhe haviam contado se comparava à coisa propriamente dita. O mesmo se passara comigo. Nada me havia verdadeiramente preparado. Nem o porquinho-mealheiro na sala de jantar, com poupanças para a universidade, nem os certificados de aforro dos meus avós, nem os gastos volumes da *World Book Enciclopédia*, com os seus bonitos gráficos relativos à produção internacional de trigo ou as suas fotos dos locais onde nasceram os presidentes. O verde e liso mundo da quinta (sem porcos nem cavalos) dos meus pais — a sua monotonia, as suas moscas, a sua quietude diariamente esventrada pelos fumos e clangores da maquinaria agrícola — esfumou-se atrás de mim, dando lugar à descoberta de uma fulgurante cidade de livros, filmes e amigos espirituosos. Alguém havia ligado a luz. Alguém me conduziu para fora da caverna — a da estrada de Perryville. A minha mente turbilhonava com Chaucer, Sylvia Plath, Simone de Beauvoir. Duas vezes por semana, um professor chamado Thad, de calças de ganga e gravata, postava-se diante de uma plateia de pasmados jovens do campo, como eu, e falava excitadamente sobre a masturbação da vírgula em Henry James. Eu andava perplexa. Nunca tinha visto ninguém usar gravata com calças de ganga.

A caverna colombiana tinha gerado um místico; a minha infância, porém, apenas me gerara a mim.

Nos corredores, os alunos falavam sobre Bach, Beck, balcanização e guerra bacteriológica. Rapazes de fora do estado faziam-me pergun-

tas do género: «Tu que és do campo diz-me, é verdade que se comer-mos fígado de urso morremos?» Perguntavam, «Conheces alguém que tenha feito tu-sabes-o-quê com uma vaca?» ou então, «É verdade que os porcos não comem bananas?» A única coisa que eu lhes podia garantir era que as cabras não comem latas: o máximo que fazem é lamber a cola do rótulo. Mas isso nunca me perguntaram.

Tal como os víamos naquele trimestre, os acontecimentos do Setembro anterior — ainda não lhes chamavam «o 11 de Setembro» — pareciam ao mesmo tempo próximos e longínquos. Os estudantes de Ciências Políticas manifestavam-se no campus e junto aos centros comerciais entoando: «quem semeia ventos, colhe tempestades; quem semeia ventos, colhe tempestades». Quando conseguia imaginá-los — aos ventos, às tempestades — era como se os visse do meio de uma multidão, através de um vidro, da mesma forma que as pessoas (isto eu aprendera em História de Arte) olhavam no Louvre a *Mona Lisa*, a *Gioconda!*, cujo próprio nome lembra uma serpente, com o seu sorriso tenso e matreiro emoldurado à distância mas perscrutado em busca de um qualquer clarão prodigioso. Parecia, como o próprio Setembro, uma boca de gato cheia de canários. A minha colega de quarto, Murph — uma loura de Dubuque, de brinco no nariz e dentes tortos, que usava sabão preto e fio dental preto e cujos comentários tinham sempre uma aspereza impressionante (ela pronunciava Dubuque «Du-bei-quiu»), tendo uma vez aterrorizado os professores de inglês ao declarar que a sua personagem literária preferida era Dick Hickock, de *A Sangue Frio* —, Murph conhecera o seu namorado no dia dez de Setembro, e na manhã seguinte telefonou-me de casa dele, com a televisão aos berros em pano de fundo, cheia de horror e felicidade. «Eu sei que é pagar um preço terrível pelo amor, eu sei», disse ela, numa voz encolhida, «mas teve de ser».

Eu gritei-lhe, numa paródia de escândalo. «Ah, galdéria! Sabes que morreram pessoas? Tu só pensas no teu prazer.» Depois caímos numa espécie de histeria — uma torrente de gargalhadas assustadas, culpadas, incontroláveis, que eu nunca vi em mulheres acima dos trinta anos.

«Bom», suspirei eu, dando-me conta de que passaríamos talvez a ver-nos muito menos a partir de agora. «Espero que haja apenas prazer. Nada de lágrimas.»

«Nã», disse ela. «Onde há prazer há sempre lágrimas.» Eu ia sentir falta dela.

Apesar de os cinemas terem encerrado por dois dias, e de até o nosso professor de ioga se ter sentado em posição de lótus diante de uma bandeira americana dizendo, «Vamos inspirar profundamente em honra do nosso grande país» (eu passava o tempo a olhar desesperadamente para os colegas, incapaz de respirar correctamente), a maior parte das nossas conversas continuavam a deslizar com escandalosa tenacidade para outros assuntos: as coristas de Aretha Franklin, ou que restaurante coreano servia a melhor comida chinesa. Antes de chegar a Troy, eu nunca provara comida chinesa. Mas agora tinha, a dois quarteirões de casa, ao lado de um concerto-rápido, um estabelecimento chamado Peking Café, aonde acudia sempre que possível em busca da Delícia de Buda. Junto à caixa registadora viam-se sempre umas caixinhas com biscoitos da sorte partidos, que por isso eram vendidos com desconto. «Só biscoitos partidos», dizia um cartaz, «sorte não». Prometi a mim mesma comprar um dia um caixa inteira deles, para ver que conselhos — obscuros ou místicos ou materialistas, mas sempre confucianos! — encerraria o conjunto. Entretanto, ia-os coleccionando individualmente, um por cada biscoito que acompanhava a minha conta, assimilando-os com brusca eficiência, ainda antes de acabar de comer o biscoito. Talvez eu comesse demasiado devagar. Tinha crescido à base de peixe frito e feijão verde com manteiga (durante anos, segundo a minha mãe, a margarina, considerada um produto estrangeiro, só se podia comprar do outro lado da fronteira, em postos de combustível toscamente erguidos à beira da estrada, logo a seguir ao cartaz de boas-vindas do governador do Illinois, e os lavradores murmuravam que só os judeus compravam ali.) E por isso aqueles estranhos vegetais chineses — fungosos e gnómicos no seu molho castanho — eram para mim como uma aventura ou um ritual, uma sentença com sabor. Em Dellacrosse, as refeições fora de casa dividiam-se em «informais», significando que comíamos ao balcão ou levávamos a comida para casa, e mais cerimoniosas, a que chamávamos «refeições sentadas». O Restaurante Familiar Wie Haus, aonde íamos para refeições deste tipo, tinha cadeiras com estofos vermelhos, em couro de imitação, e as paredes cobertas de *gemütlichkeit* local: painéis de madeira escura e quadros de um kitsch profundo, com figuras de chocarreiros ou pastoras de olhos esbugalhados. Os menus do pequeno-almoço diziam «*Guten Morgen*». Os molhos eram designados por «sucos». E o menu do jantar incluía rolo de carne com requeijão e bife de vaca «cozinhado ao gosto do cliente». Às sextas-feiras serviam

peixe frito ou cozido, nomeadamente lotas, a que chamavam «advogados» pelo facto de *terem o coração no traseiro*. (Eram pescados num lago vizinho, onde em todos os locais de piquenique havia baldes do lixo com os dizeres: NÃO DEITAR TRIPAS DE PEIXE.) Aos domingos serviam não apenas saladas de alteia e cereja marasquino, mas também «costeletas de primeira *au jus*», não sendo os conhecimentos de francês — ou de inglês, ou mesmo a combinação cromática dos alimentos — o prato forte da casa. *A la carte* significava sopa ou salada; *dinner* significava sopa e salada. Guarnição Roquefort chamava-se «guarnição Rockford». Os vinhos da casa — tinto, branco ou rosê — exibiam todos o inevitável aroma a rosas, sabão e grafite, uma pitada de feno, uma sugestão de terra, embora o menu passasse por alto tais atributos, limitando-se a distingui-los pela respectiva cor. Servia-se cereja leve e *dunkel*. Para sobremesa havia geralmente tarte de *glückschmerz*, cujo volume e aspecto fofo em tudo fazia lembrar um pequeno banco de neve. Após a refeição, fosse ela qual fosse, a sonolência era garantida.

Agora, porém, sozinha e longe de casa, seduzida por molhos castanhos, eu sentia-me mais leve e mais viva. Os proprietários asiáticos do café deixavam-me ficar ali o tempo que quisesse, debruçada sobre os meus livros: «Deixe-se estale! Não há plessa!», diziam-me simpaticamente, enquanto borrifavam de desinfetante as mesas anexas. Eu comia mangas e papaias, usando depois um palito de canela para extrair dos dentes as partes fibrosas. Comia um biscoito elegantemente embrulhado — um leve nervo de papel cozinhado numa orelha. Bebia por uma chávena sem asa um chá requentado, que era conservado num balde dentro da câmara frigorífica do restaurante.

Arrancava o papel às garras do biscoito da sorte e alisava-o, usando-o depois como marcador de livros. Assim, não tinha livro de cujas páginas não sobressaíssem, como pequenas caudas, sinas e auspícios. *És o macarronete crocante na salada da vida. És senhor do teu destino*. A Murph tinha o hábito de acrescentar às máximas de cada um destes bilhetinhos a expressão «na cama», e eu fazia-o também, mentalmente: *És senhor do teu destino. Na cama*. Bom, não deixava de ser verdade. *A dívida é um aldrabão sedutor. Na cama*. Ou a mais canhestra, *O teu destino vai florescer como uma flor*.

Também havia máximas de tipo capcioso: *No teu futuro há uma mudança refrescante*.

Às vezes, eu apurava a chalaça acrescentando-lhes *mas NÃO na cama*.